

As estratégias de divulgação do Zen Budismo no Brasil: um olhar sobre as colunas de Eduardo Basto de Albuquerque no jornal *Notícias Populares* (1976-1980)

Leonardo Henrique Luiz¹

Vanda Serafim²

Resumo:

O artigo objetiva apresentar como Eduardo Basto de Albuquerque, a partir de seu lugar como monge e historiador, construiu estratégias de divulgação do Budismo no Brasil, por meio do jornal *Notícias Populares*. O recorte histórico refere-se aos anos de 1976 a 1980 em que Albuquerque publicou a coluna *Budismo* no jornal e realizou proselitismo religioso. A presença de uma religião como o Budismo no *Notícias Populares* suscita indagações acerca dos motivos que levaram à sua publicação. O periódico é, portanto, abordado como documento histórico, imbricado em escolhas políticas desde a decisão do que se publicar até a maneira como foram ordenadas as notícias (Luca, 2008). Do ponto de vista teórico, os textos de Albuquerque são abordados utilizando os conceitos de Michel de Certeau (2014), buscando demonstrar como, a partir de uma posição institucional de monge, Albuquerque elaborou estratégias visando a normatização das práticas budistas para os leitores do *Notícias Populares* que, taticamente, reinterpretaram os textos. Espera-se demonstrar

-
- 1 Doutor em História pela Universidade Estadual de Maringá. Área de concentração voltada ao estudo das crenças orientais e suas implicações no Brasil, principalmente o Budismo e o Xintoísmo. Membro do Laboratório de Pesquisa sobre Culturas Orientais (LAPECO-UEL) e do grupo de pesquisa História das crenças e das ideias religiosas (HCIR/DHI/UEM). E-mail: leonardo.historia2@gmail.com
 - 2 Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora Adjunta do DHI/UEM e do PPH/UEM. E-mail: vandaserafim@gmail.com.

que, embora parte da historiografia brasileira destaque o Budismo entre grupos intelectuais, de classe média ou *nikkei*, é possível perceber a presença da religião entre setores mais amplos da sociedade brasileira, entre os quais, os indivíduos que liam o *Notícias Populares*. Isto é, sugere-se a hipótese de que a presença do Budismo pode ser mais ampla do que se tem apontado.

Palavras-chave: Zen Budismo. *Notícias Populares*. Intelectual. Proselitismo. Estratégia.

The dissemination strategies of Zen Buddhism in Brazil: a look at the columns of Eduardo Basto de Albuquerque in the newspaper *Notícias Populares* (1976-1980)

Abstract:

The present article aims to demonstrate how Eduardo Basto de Albuquerque, as a Monk and Historian, built strategies to disseminate Buddhism in Brazil through the newspaper *Notícias Populares*. The historical section refers to the years from 1976 to 1980, when Albuquerque published the *Buddhism* column through which he carried out religious proselytism. The presence of a religion such as Buddhism in *Notícias Populares* raises questions about the reasons that led to its publication. Therefore, the newspaper is approached as a historical document connected with political choices from the decision of what to publish to the way the news were ordered (Luca, 2008). From a theoretical perspective, Albuquerque's texts are approached using the concepts of Michel de Certeau (2014), seeking to demonstrate how, from an institutional position as a Monk, Albuquerque developed strategies aimed at standardizing Buddhist practices for the *Notícias Populares* readers, who tactically reinterpreted the texts. We intend to demonstrate that although part of Brazilian historiography highlights Buddhism among intellectual groups, of middle-class or *Nikkei*, it is possible to perceive the presence of this religion among broader sectors of the Brazilian society, among which the individuals who read *Notícias Populares*, that is, the suggested hypothesis is that the presence of Buddhism in Brazil may be more profound than historiography has indicated.

Keywords: Zen Buddhism. *Notícias Populares*. Intellectual. Proselytism. Strategy.

Las estrategias de difusión del Budismo zen en Brasil: una mirada a las columnas de Eduardo Basto de Albuquerque en el periódico Notícias Populares (1976-1980)

Resumen:

El artículo tiene como objetivo demostrar cómo Eduardo Basto de Albuquerque, a partir de su lugar como monje e historiador, desarrolló estrategias para difundir el Budismo en Brasil a través del periódico *Notícias Populares*. La sección histórica se refiere a los años de 1976 a 1980, cuando Albuquerque publicó la columna *Budismo* en el periódico a través de la cual realizó proselitismo religioso. La presencia de una religión como el Budismo en *Notícias Populares* plantea preguntas sobre las razones que llevaron a su publicación. Por lo tanto, el periódico se aborda como un documento histórico imbricado en opciones políticas desde la decisión de qué publicar hasta la forma en que se ordenaron las noticias (Luca, 2008). Desde un punto de vista teórico, los textos de Albuquerque se abordan utilizando los conceptos de Michel de Certeau (2014), buscando demostrar cómo, desde una posición institucional como monje, Albuquerque desarrolló estrategias destinadas a estandarizar las prácticas budistas para los lectores de *Notícias Populares*, que reinterpretaron tácticamente los textos. Tenemos la intención de demostrar que, aunque parte de la historiografía brasileña destaca el Budismo entre los grupos intelectuales, de clase media o *nikkei*, es posible percibir la presencia de esta religión en sectores más amplios de la sociedad brasileña, entre los cuales, las personas que leen *Notícias Populares*. Es decir, la hipótesis sugerida es que la presencia del Budismo en Brasil puede ser más profunda de lo que la historiografía ha indicado.

Palabras clave: Budismo Zen. *Notícias Populares*. Intelectual. Proselitismo. Estrategia.

Introdução

“O Caminho é árduo, porém os benefícios alcançados já nesta vida, aqui e agora, são dignos de todo ardor nesta busca. Benefícios estes de toda a natureza, e dos quais a Paz.” (Albuquerque, 1977b, p. 13). É assim que, no dia 19 de janeiro de 1977, Eduardo Basto de Albuquerque encerrou sua coluna *Budismo*. A publicação fez parte de um empreendimento realizado no jornal *Notícias Populares* durante os anos de 1976 a 1980, no qual, às quartas-feiras Albuquerque escreveu textos jornalísticos sobre questões relacionadas ao Budismo.

Na referida ocasião, se examinava a questão da morte e como

o Budismo lida com ela, cujo medo do trespasse foi definido como o resultado do apego ao “eu pequeno” que se vê como o centro do mundo. O autor alenta que o Budismo oferece a “Elevação Espiritual” (Albuquerque, 1977b) através da percepção da morte como um fenômeno da impermanência, permitindo ao adepto a superação do apego e, conseqüentemente, do próprio temor do fim. Porém, para a realização desse Caminho a pessoa deveria buscar orientação espiritual com um monge ou templo budista e se dedicar à árdua tarefa (Albuquerque, 1977b).

Eduardo Basto de Albuquerque, autor dessa mensagem religiosa foi um monge Zen budista ligado ao templo Busshinji³ em São Paulo e um importante historiador brasileiro. Pesquisador do fenômeno religioso, Albuquerque atuou como docente nos departamentos de História da Universidade Estadual de Londrina e da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Assis. Na época em que escrevia no jornal também realizava sua pesquisa de doutoramento intitulada *O Irmão e o Mestre – Contribuição ao estudo da pobreza cristã e budista no século XIII: o Irmão Francisco de Assis e o Mestre Zen Budista Doguen* (Albuquerque, 1983) na Universidade Estadual de São Paulo.

A coluna no *Notícias Populares* é parte de um acervo que permite o exame de novas questões sobre o Budismo no Brasil: em primeiro lugar, não se trata de uma produção acadêmica, mas de textos que são fontes de reflexão sobre os canais de divulgação religiosa budista na década de 1970 e 1980. Esse espaço de divulgação é sintomático, pois ultrapassa o público *nikkei*⁴ e em segundo lugar, nos oferece a oportunidade de perceber o papel “mediador” de um intelectual brasileiro praticante do Zen Budismo em divulgar o ensinamento em um jornal que sobreviveu de venda avulsa e buscou uma linguagem acessível como diferenciador no mercado editorial (Angrimani, 1995).

3 O templo Busshinji (佛心寺) é a sede da missão da Escola Sōtōzen na América do Sul, localizado no bairro da Liberdade na cidade de São Paulo, foi criado em 1956 sendo uma das primeiras referências do Budismo no Brasil para muitos indivíduos (Rocha, 2008)

4 O termo se refere aos imigrantes e descendentes de japoneses nascidos fora do Japão.

Há de se destacar o ineditismo da discussão aqui apresentada, uma vez que tal documentação não foi objeto de pesquisa historiográfica até o presente momento. A investigação destas fontes abre a possibilidade de perceber a circulação do Zen Budismo, para além dos intelectuais e indivíduos de classe média⁵, pois o jornal em questão, desde a sua fundação, teve como alvo um público de baixa renda (Cohn; Hirano, 2010). Assim sendo, propomos problematizar essas questões colocadas, enfocando quais representações do Budismo Albuquerque criou em suas colunas e em que medida elas são fruto de suas experiências como monge e como historiador das religiões e religiosidades brasileiras. Para tanto, inicialmente realizamos uma apresentação do material trabalhado, abordando o jornal e as colunas e, em seguida, quais considerações podemos vislumbrar, a partir da documentação, tendo em vista a produção sobre o Budismo no Brasil.

Notícias Populares

Para uma análise metodologicamente acurada da documentação, inicialmente partimos do esboço geral do próprio jornal. Este trabalho foi realizado amparando-se tanto em discussões introdutórias sobre a imprensa no Brasil (Capelato, 1988), como em pesquisas específicas com o *Notícias Populares* ou jornais semelhantes como o *Última Hora* (Angrimani, 1995; Elmir, 2012; Cohn; Hirano, 2010). No verbete temático da Fundação Getúlio Vargas encontramos um levantamento dos eventos pelos quais o jornal passou ao longo do tempo. O primeiro número foi lançado em 15 de outubro de 1963, nesse momento, o *Notícias Populares* foi concebido como uma arma de oposição ao *Última Hora*. Seus fundadores, militantes da União Democrática Nacional (UDN), buscaram não identificar o *Notícias Populares* ao partido (Cohn; Hirano, 2010). Desde a sua fundação o jornal foi concebido visando camadas específicas da sociedade brasileira.

[...] a questão mais premente que a edição se colocou foi a da conquista do público: o lançamento do jornal foi feito com grande promoção, o horário de circulação foi bem estudado (quando os trabalhadores saíam para o trabalho já encontravam o jornal à

5 Conforme será demonstrado ao longo do texto, esse é um aspecto

venda), a vendagem também era feita por jornaleiros ambulantes (forma de fazer frente ao boicote promovido por proprietário de outros jornais), e finalmente, o preço era cerca de metade do preço de outros jornais. Foram, pois, empreendidos todos os esforços para que o jornal se impusesse ao público de baixa renda. (Cohn; Hirano, 2010, on-line)

Com uma visão política de cunho antijanguista e, posteriormente, situacionista nos anos iniciais da Ditadura Militar, após diversas mudanças internas o jornal gradativamente assumiu uma postura voltada aos acontecimentos ligados a crimes e à violência cotidiana. Além disso, a linha editorial predominante operou com um “exagero nas manchetes” (Cohn; Hirano, 2010, on-line), com destaque para as notícias de cunho policial. A primeira grande mudança pela qual o jornal passou foi a venda, em 1965, para o grupo Frias-Caldeira, que controlava parte significativa do mercado jornalístico de São Paulo,

A partir de então, *Notícias Populares* passou a ser um jornal sem editorial, sem comentarista político ou de qualquer outra especialidade. Passou a apresentar e noticiar somente fatos e eventos pertinentes ao cotidiano das classes populares⁶, como mortes, crimes, roubos, eleições sindicais, aumentos salariais, concursos públicos, problemas e dificuldades previdenciárias, etc. (Cohn; Hirano, 2010, on-line)

Outra mudança pode ser percebida em 1980, quando alterações gráficas e editoriais tornaram o jornal menos voltado para as notícias policiais e de tragédias, passando a enfatizar o cotidiano urbano com doses de humor.

Durante sua história, principalmente após a abertura política, importantes pessoas públicas figuraram entre seus colunistas, tais como: Luís Inácio Lula da Silva, dom Paulo Evaristo Arns, Franco

6 Tanto o verbete quanto Angrimani (1995) usam o termo “popular” em vários momentos, por isso é importante sublinhar que não entendemos o popular como uma oposição ao erudito, pois além de considerarmos que não existem posições estanques, que separe erudito e popular, “Importa, antes de tudo, a identificação da maneira como, nas práticas, nas representações ou nas produções, cruzam-se e imbricam-se diferentes figuras culturais.” (Chartier, 2002, p. 49).

Montoro, entre outros. Com a reestruturação de 1980

[...] o jornal passou a vender, em média, cem mil exemplares em banca, de terça a domingo, chegando inclusive a lançar um sistema de assinaturas, fato raro para um veículo dirigido ao leitor popular. Com o crescimento da vendagem, o jornal que foi na origem deficitário passou a gerar, nesses anos, uma receita superavitária. (Cohn; Hirano, 2010).

Esse volume de venda e sucesso caiu progressivamente até o fechamento, em 20 de janeiro de 2001, quando vendia cerca de 20 mil exemplares. O grupo Folha então concentrou os esforços usados no *Notícias Populares* no jornal *Agora*.

De maneira mais detalhada Angrimani (1995) revela que o *Notícias Populares* iniciou com um capital de Cr\$ 130.000,00, sendo impresso nas oficinas Gazeta Mercantil, ambos pertencentes a Herbert Levy, cujo editor geral foi Jean Mellê. O primeiro número teve oito mil exemplares impressos sendo que, desses, três mil foram vendidos. Em pouco tempo de circulação “[...] o ‘Notícias Populares’ vinha dando prejuízo, o golpe militar suspendera as eleições e acabara com as aspirações políticas de Herbert Levy (que não mais sairia como candidato ao governo de São Paulo) [...]” (Angrimani, 1995, p. 86), é nesse momento que foi realizada a venda para o grupo, Frias-Caldeira, da *Folha da Manhã*.

Entre 1971 a 1990 o editor passou a ser Ibrahim Ramadam. Em entrevista com José Luiz Proença, secretário de Planejamento do *Notícias Populares*, Angrimani argumenta que:

A informatização foi definitivamente implantada em abril de 1990. O público é ‘ecclético’. Está dividido, segundo Proença, pelas classes C, D e B e um público ‘flutuante’, que é garfado pela manchete’. Sem assinantes e anunciantes significativos, ‘Notícias Populares’ vive da venda avulsa. (Angrimani, 1995, p 87).

Destaca-se que, ao longo da existência do jornal, a linguagem acessível foi um diferenciador buscado a todo o momento pelos editores. Em sua avaliação da cronologia do jornal o autor argumenta que:

Há dois períodos distintos, então, na história de “Notícias Populares”. O primeiro vai de sua criação, em 1963, até a venda para o grupo “Folha da Manhã”. O segundo se prolonga até o momento em que esta pesquisa foi feita, em setembro/91. O primeiro momento é paradoxal. O jornal é político ao esvaziar o conteúdo político. Procura sua identidade em “Última Hora” e termina por encontrar um reflexo – pálido – na imprensa amarela de Hearst, sem a parte política, sem as campanhas sistemáticas que Hearst movia contra as companhias estatais, sem os grandes esforços de reportagens que marcaram o “World” e “Journal”. O segundo ciclo vai sofrer poucas alterações pelo menos até março de 1990, quando “Notícias Populares” é submetido a uma remodelação plástica. Os textos se tornam mais “enxutos” (sintéticos), as fotos mais abertas e em cores e os títulos mais sensacionalistas. O conjunto dessas medidas dá resultado. Depois da “plástica”, “Notícias Populares” é um jornal fácil de se ler e “bonito” na avaliação dos leitores entrevistados. (Angrimani, 1995, p. 92-93).

Devemos lembrar que a coluna *Budismo* se situou nessa segunda fase, mas antes das alterações de 1990, sendo que em nenhum momento se caracterizou “[...] como um jornal de reportagens importantes, de grandes furos e prêmios importantes, tarefa que parece centralizada na ‘Folha de S. Paulo’, o carro-chefe da empresa ‘Folha da Manhã’.” (Angrimani, 1995, p. 93).

Ao conceituar o jornal como sensacionalista⁷ o autor se refere à linguagem utilizada e à radicalização ao noticiar, pois o seu público leitor era conservador e moralista. Realizando uma abordagem de entrevistas durante a década de 1990, Angrimani também argumenta que:

7 Definido como o “[...] tornar sensacional um fato não necessariamente sensacional, utilizando-se para isso de um tom espalhafatoso/escandaloso.” (Angrimani, 1995, p. 99), isto é, provocar emoções no leitor por meio do choque tanto na linguagem escrita como visual. Esse termo é criticado por Elmir (2012) que argumenta a insuficiência do critério “sensacionalista” para explicar as escolhas do jornal, pois o que era proposto por jornais como o *Última Hora* e o *Notícias Populares* foi a criação de uma experiência estética que conjugou as dimensões visuais e textuais na produção da crença. Sugerimos que mais do que se apegar ao termo, devemos ter em mente as estratégias específicas de impacto e instigação do leitor para o consumo do jornal.

A maioria dos entrevistados, ao ser questionada se ‘Notícias Populares’ é um jornal de leitura acessível ou complicada, responde imediatamente que ‘é muito fácil de ler’, ‘dá para ler sem problemas’, ‘a gente lê na hora’, ‘dá para ler depressa e emprestar para os outros’, ‘não precisa ler muito para entender. Em quatro, cinco linhas, já dá para saber tudo’. (Angrimani, 1995, p. 110).

Apesar de ser uma pesquisa realizada na década de 1990, os apontamentos levantados por Angrimani revelam possíveis perfis de leitores para as décadas anteriores, que são objeto do nosso estudo, pois, conforme foi ressaltado, existiram poucas alterações até 1991.

Portanto, o jornal em que a coluna *Budismo* foi publicada tinha como característica a facilidade de acesso em termos de linguagem utilizada e possuía uma vendagem expressiva, considerando a especificidade do mercado editorial ao qual se dedicava. Ou seja, o *Notícias Populares* era voltado para camadas sociais de classe baixa, tendo grande parte de seu editorial repleto de notícias envolvendo crimes e o esvaziamento de assuntos políticos.

O Budismo de Albuquerque

Embora o objetivo do artigo não seja construir uma biografia das práticas religiosas e acadêmicas de Albuquerque, devemos nos ater brevemente na reflexão de qual era o tipo de Budismo presente nas formulações do autor no jornal. Como historiador das religiões e praticante do Budismo, Albuquerque narrou em diferentes ocasiões como foram seus contatos com o Budismo no templo Busshinji do bairro da Liberdade. Sua primeira interação com o Zen Budismo se deu quando

Estava na Faculdade de Filosofia da USP, realizando o curso de graduação em História, quando entrei em contato com o Zen, no segundo semestre de 1962. Aceitando o convite de meu colega na universidade, Ricardo Mário Gonçalves, fui ao famoso templo da Rua São Joaquim, 285, como o denominavam seus frequentadores. (Albuquerque, 2002, p. 152).

Gonçalves, que posteriormente se tornou o orientador da tese de doutorado de Albuquerque na USP, na época era monge ordenado

e auxiliava o monge superior Ryohan Shingu, traduzindo para o português as falas em japonês. Embora Gonçalves tenha deixado de frequentar o templo e se tornado monge em outras escolas budistas, Albuquerque continuou com suas atividades até que “Em 1966, recebi os preceitos budistas e passei a integrar essa comunidade.” (Albuquerque, 2002, p. 153).

Tal ordenação monástica se insere dentro de um quadro muito específico do Budismo no Brasil, pois a maior autoridade do Zen Budismo na América Latina (Rocha, 2004), Ryohan Shingu, adotou a prática de ordenar monges no Brasil sem os treinamentos na sede japonesa. Via de regra, os que desejavam seguir o caminho monástico deveriam viajar ao Japão para receber o treinamento. Entretanto, como muitos brasileiros não dispunham de recursos para tal empreitada e ainda assim desejavam se tornar monges budistas, Shingu realizou algumas ordenações monásticas independentemente do fato da pessoa ter ascendência japonesa ou não (Albuquerque, 2022).

Esses monges, ordenados por uma importante autoridade do Zen Budismo, mas não necessariamente reconhecidos pela sede japonesa, muitas vezes eram de origem japonesa e se deslocavam ao interior do estado de São Paulo para atuarem nas colônias japonesas. Podemos pensar que tal tática foi utilizada por Shingu como forma de suprir as necessidades espirituais das cidades pequenas diante dos poucos monges enviados pela sede japonesa. Outros desses monges, como no caso de Albuquerque, permaneciam próximos ao Shingu e auxiliavam na realização das sessões de meditação, retiros (*sesshin*) ou ainda na preparação para as cerimônias budistas.

Além disso, devido a suas habilidades com a língua portuguesa, Albuquerque foi escalado em diferentes ocasiões para falar publicamente em nome do templo quando este espaço era procurado por jornalistas. Devemos lembrar que o Shingu não tinha domínio do português, então, seus ordenados também auxiliavam nessas tarefas de intermediação com o público não falante de japonês. Essa atuação monástica de Albuquerque como um auxiliar durou até 1980, quando ingressou como docente na Universidade Estadual de Londrina no Paraná. A distância entre o templo e o novo local de moradia/trabalho impediu a manutenção da mesma

assiduidade semanal nas sessões de meditação. Entretanto, como o próprio Albuquerque frisa, isso não significou um abandono do Budismo. Mesmo estando distante, ele manteve práticas individuais em sua residência e, quando possível, visitava o templo em São Paulo.

Tendo em vista essa trajetória, ao analisarmos as fontes, é possível perceber certas preferências de Albuquerque em produzir textos com temáticas introdutórias que mostram o papel transformador do Budismo na vida dos adeptos⁸. O texto do dia 20 de setembro de 1978, intitulado *Que vai fazer?*, é um entre vários exemplos dessa tendência. Nesse dia, Albuquerque criou uma discussão a partir da pergunta também presente no título que “anda corrente por aí”, pois “As pessoas a estão utilizando para uma situação que parece não ter solução. Mas pensamos, como não ter solução? Há poucas coisas no mundo que não se pode fazer nada. E mesmo nestas situações há sempre um algo.” (Albuquerque, 1978b, p. 13). A partir desta constatação, Albuquerque descreveu que podemos aprender algo em todas as situações como forma de despertar a consciência para uma verdadeira felicidade no “aqui e agora”.

Entretanto, seria necessário o cultivo da atenção em todos os momentos da vida para obter equilíbrio e capacidade de escolha nas diversas situações, pois assim, “Todas as angústias, solidões, sentimentos de impotência perante a vida, são abandonadas e podemos sermos (sic) nós mesmos.” (Albuquerque, 1978b, p. 13). Nesse contexto, Albuquerque divulgou o templo que frequentava, pois naquele espaço eram realizadas, duas vezes por semana, “[...] sessões de meditação em grupo abertas a todos os interessados.” (Albuquerque, 1978b, p. 13), as quais eram oportunidades para o cultivo da atenção⁹.

8 A ideia de adepto aqui é usada em preferência da concepção de “fiel”, pois em vários momentos dos seus textos Eduardo aventava a não necessidade de aderir formalmente ao Budismo, podendo o interessado manter outras práticas religiosas.

9 No contexto Zen budista presente no texto de Albuquerque (1978b, p. 13) a ideia de cultivar atenção está atrelada à prática da meditação no templo budista como forma de desenvolvimento pessoal, visando encarar a vida cotidiana, especialmente diante da impermanência (nascimento, doença, envelhecimento e morte).

Dentre as possibilidades, escolhemos essa coluna para mostrar de que forma alguns textos apresentaram o papel do Budismo como uma prática a ser empregada no dia a dia por todas as pessoas. Lida contemporaneamente esta representação do Budismo no jornal se relaciona com a maneira pela qual os intelectuais se apropriaram das ideias budistas no Ocidente¹⁰, associando a crença com elementos meditativos destituída dos ritos mortuários (Rocha, 2014). Anos mais tarde, o próprio Albuquerque publicou o artigo científico intitulado *Intellectuals and Japanese Buddhism in Brazil*¹¹ para uma das mais prestigiadas revistas acadêmicas de estudos japoneses, a *Japanese Journal of Religious Studies* (2008). No artigo, o autor argumentou como, a partir de um conjunto de práticas, os intelectuais brasileiros se valeram do Zen Budismo para criar experiências espirituais que ultrapassassem as tensões entre a “[...] secularização via ciência e a hegemonia católica [...]” (Albuquerque, 2008, p. 61; tradução nossa¹²) predominante no pensamento da época.

Conforme aponta Cristina Rocha (2000) entre esses indivíduos, majoritariamente oriundos da classe média, os contatos com o Budismo se deram por intermédio de livros em inglês. Esse primeiro contato, por vias também intelectuais, estabeleceram diferentes motivações se comparadas com as dos japoneses, pois enquanto os *nikkeis* estavam preocupados com questões relativas aos rituais, às cerimônias e à própria organização étnica do templo, muitos brasileiros buscavam o “eu interior”, como forma de aprender sobre si mesmos. Da mesma forma, a autora argumenta que, para esses indivíduos:

10 Os termos “Ocidente” e “Oriente” são utilizados no artigo a partir das discussões oportunizadas por Edward Said (1990) a respeito das relações de poder presentes no fenômeno de invenção do Oriente pelo Ocidente, no qual as práticas sociais do Oriente são vistas como místicas e a percepção sobre os orientais, marcadas por abstrações idealizadas. No presente texto, entendemos que o processo de contato ocidental com o Zen Budismo atribui características ligadas à tranquilidade, harmonia, serenidade e demais qualidades ligadas à adjetivação do “zen”, portanto, a crença é interpretada de modo abstrato e destituída dos seus ritos e fundamentos religiosos.

11 O texto foi traduzido *in memoriam* e pode ser encontrado em ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. Os intelectuais e o Budismo japonês no Brasil. *PLURA*, v. 2, n. 2, p. 4-25, 2011.

12 No original: “secularized science and the Catholic hegemony”

O zen Budismo pode ser uma atividade para os momentos de lazer. Muitos praticantes brasileiros vão às sessões de meditação nos finais de semana e retiros nos feriados. O consumo de bens é facilmente identificável nas vendas de livros, revistas, cursos, retiros, roupas e utensílios para meditação, como se o *satori* (Iluminação) fosse possível de ser obtido da mesma maneira que se compra mercadorias. (Rocha, 2000, p. 41-42; tradução nossa¹³).

Dessa forma, há uma distinção fundamental na forma como o Budismo foi praticado pelos imigrantes e por intelectuais. Em outras palavras, nas colunas de Albuquerque a forma intelectual ganhou destaque, pois rituais próprios do Budismo japonês, tais como o culto aos ancestrais não eram ressaltados (Albuquerque, 1977d.; 1977e), característica também presente no “Budismo modernista” (Rocha, 2014, p. 65), discutido a seguir. Para entendermos esse Budismo vale nos perguntar: a partir de quais leituras os grupos intelectuais dos quais Albuquerque fez parte se aproximaram do Zen Budismo?

Essa questão está relacionada com a própria dispersão do Budismo pelo Ocidente, tema discutido por Martin Baumann (2001) e Rocha (2000). De maneira geral, os autores defendem que o contato com missionários cristãos criou reações nos próprios países asiáticos de predominância budista, sendo a mais notável a constituição de um “Budismo modernista” (Rocha, 2014, p. 65). Tal Budismo buscou se reformar em vista de uma abordagem mais abrangente com o objetivo de transcender as fronteiras asiáticas. No caso do Zen Budismo japonês, o século XX foi decisivo, pois com o avanço do nacionalismo e do Xintoísmo no Japão pré-guerra (Luiz, 2019), os intelectuais budistas buscaram formas de sobrevivência. Como explica Rocha:

Neste contexto, D. T. Suzuki (1870-1966) e os filósofos da escola de Quioto construíram o zen¹⁴ Budismo, não como uma religião

13 No original: “Zen Buddhism can be an activity of leisurely moments. Many Brazilian practitioners go to meditations sessions on the weekends and retreats on holidays. The consumption of good is easily identifiable in the sales of books, magazines, courses, retreats, clothes and utensils for meditation, as if *satori* (Enlightenment) itself were possible to be obtained in the same way as you acquire merchandise.”

14 Grafia do termo Zen Budismo de acordo com a escolha da autora.

com seus rituais e doutrina, mas como uma experiência espiritual individual que levaria a “um modo totalmente empírico, racional e científico de inquerito sobre a natureza das coisas”. Ao identificar esta experiência espiritual com sua “essência”, “atemporal”, “pura” e “invariável” do zen, e diferenciando-o de suas expressões culturais (consideradas acréscimos degenerados e “impuros”), estes defensores do zen foram capazes de construí-lo como transcultural e universal. Assim, o zen não seria parte de uma determinada religião, filosofia ou metafísica, mas seria “o espírito de toda religião e filosofia”. Tendo em conta que D. T. Suzuki e outros intelectuais que popularizaram o zen no Ocidente não faziam parte de instituições zen e não haviam recebido transmissão formal nessa linhagem, não é de estranhar que defendessem o zen “autêntico” como uma experiência individual, leiga, que não exige uma associação com a tradição institucional. Com efeito, uma das principais características do Budismo no Ocidente é um híbrido das práticas leigas e monásticas. A vasta maioria dos praticantes ocidentais não é celibatária e trabalha enquanto pratica meditação e estuda textos sagrados. (Rocha, 2014, p. 66)

Em outras palavras, foi no próprio Japão que intelectuais elaboraram ideias Zen budistas, que buscaram afastar os aspectos ritualísticos e devocionais, em favor das questões propriamente intelectuais. Entre esses autores, Suzuki é tido como o principal divulgador das ideias Zen budistas no Ocidente, inclusive uma de suas obras *Introdução ao Zen-Budismo* (Suzuki, 2005) era, segundo Albuquerque (2002), uma das únicas obras em português no Brasil do início da década de 1960.

Portanto, devemos ter em mente que o Budismo representado por Albuquerque é específico de suas vivências como um intelectual inserido em um templo majoritariamente de imigrantes. Suas práticas e discursos dialogam com esses dois aspectos, pois ao mesmo tempo em que as cerimônias ritualísticas não são mencionadas no jornal, a visita ao templo Busshinji é constantemente recomendado. Devemos lembrar também que é justamente no período em que atuava como monge e realizava os passos iniciais da pesquisa de doutorado que Albuquerque escreveu no *Notícias Populares*. Sendo que a coluna só foi cessada por um corte e reestruturação do próprio grupo *Folha*, quando Albuquerque também

passou a residir em Londrina. De toda forma, o que nos interessa aqui é perceber os vários contatos de Albuquerque com o Budismo, pois as colunas no *Notícias Populares* ecoam essas experiências individuais.

Do seu ponto de vista, embora as pessoas chegassem ao templo Zen budista por intermédio de leituras, eram as atividades de meditação (*zazen*)¹⁵ que mais despertavam a atenção dos brasileiros. Segundo Frank Usarski (2016), no templo Busshinji circulavam indivíduos como o jornalista Nelson Coelho, a poeta Orides Fontela, a psiquiatra Nise da Silveira, entre outros intelectuais, que nos oferecem indícios para entender quais foram as influências que estiveram presentes na construção do Budismo no *Notícias Populares* por Albuquerque. A ênfase em assuntos mais introdutórios do Budismo foi justamente uma busca da perspectiva abrangente da religião, sem se deter longamente nas diversas variações das escolas, característica das formulações do Budismo modernista japonês, conforme definidos por Rocha (2000) e Baumann (2011).

Budismo em Notícias Populares

Tendo realizado essa caracterização geral do jornal e do autor, nos concentraremos no papel desempenhado pela coluna *Budismo*. Ao total foram coletados 175 textos presentes no *Notícias Populares*, cuja primeira publicação é de 29 de dezembro de 1976 e a última de 25 de junho de 1980. Nesse período a coluna, via de regra, foi publicada semanalmente (nas quartas-feiras) no canto inferior da página 13, dentro da seção de variedades, isto é, dividindo espaço com acontecimentos culturais, como programação de televisão, notícias relacionadas a música e artistas, sinopses de filmes e novelas, além de outras duas colunas, uma de Wladimir Catanzaro: *Vida, Paixão e Morte* e outra da “Professora Suely”: *Que diz seu Sonho*, localizadas no canto superior esquerdo e no canto inferior direito, respectivamente.

Esses aspectos materiais da estruturação do jornal quanto à localização específica da coluna revelam, conforme argumenta Tania Regina

15 Segundo Ricardo Mário Gonçalves “Zazen, palavra japonesa composta de Za = postura, e Zen = meditação: expressa o método de meditação sentada, típico do Zen-Budismo [...]” (Gonçalves, 2003, p. 177).

de Luca (2008), indícios sobre a forma pelo qual os editores, revisores, e demais profissionais que trabalharam na redação entenderam o lugar e a ênfase atribuída a uma religião como o Budismo. A partir disto, podemos também inferir e conjecturar sobre as práticas de leituras da coluna, situada na décima terceira página, nem todos os leitores que adquiriram o jornal chegaram a ler os textos de Albuquerque.

Além disso, mesmo dentro do processo de publicação do jornal notamos alguns sinais que apontam para uma revisão ortográfica e de diagramação pouco acurada dos textos, pois eles continham erros de digitação, ortografia e, às vezes, no próprio nome de Albuquerque. Conforme argumentaremos, tais elementos indicam o papel marginal desempenhado pela coluna dentro do periódico. Um dos exemplos mais chamativo é o do dia 03 de janeiro de 1979, quando, no final do texto, indica-se que as correspondências deveriam ser remetidas “Para EQUUARDO Basto de buquerque” e, no mesmo texto há outros erros de digitação, como “transforMQar”, “apрте”, “reflex oes”, entre outros (Albuquerque, 1979a, p. 13). Além disso, há colunas que foram publicadas na ordem errada, como os “Princípios básicos (II)” sendo publicados em 27 de julho de 1977 (Albuquerque, 1977d) e os “Princípios básicos (I)” na semana seguinte em 03 de agosto de 1977 (Albuquerque, 1977e). Isso também se repete com a “Apascentando o boi – V” publicada em 16 de maio de 1979 (Albuquerque, 1979d), enquanto a primeira parte só foi publicada na semana seguinte em 23 de maio de 1979 (Albuquerque, 1979e).

Da mesma forma, outro elemento importante foram as mudanças pelas quais a coluna passou, embora a constância das publicações fossem na página 13, em alguns momentos, como em 16 de janeiro de 1980 (Albuquerque, 1980b), o texto foi impresso na página 11 ou ainda em 20 de fevereiro de 1980 (Albuquerque, 1980c), em que a coluna esteve na página 15, mas ainda dividindo espaço com as mesmas seções. Uma modificação mais importante se deu a partir de 02 de janeiro de 1980 (Albuquerque, 1980a) em que o texto passou a ser mais enxuto, característica que permaneceu em grande parte dos outros textos até a última publicação, em 25 de junho de 1980 (Albuquerque, 1980d).

Todas essas características indicam o referido papel marginal da coluna dentro do jornal, então, por que publicar tal coluna? Podemos apontar que a decisão de publicar a coluna foi uma forma de aproximar

os leitores interessados em assuntos “exóticos” como tentativa de diferenciação na concorrência dentro do mercado jornalístico brasileiro. O termo exótico é aqui utilizado para se referir a duas facetas: a primeira, em relação à criação que atribui ao outro, no caso uma religião oriental, o aspecto de diferente que possuiria segredos ou rituais destinados a um público seletivo e que, portanto, deveria ser desvendada. A segunda associa as religiões orientais “[...] com, entre outras qualidades, tranquilidade, felicidade, paz e harmonia com a natureza e consigo mesmo.” (Rocha, 2014, p. 61). Essas atribuições de sentido no caso do Budismo ocorrem, principalmente, por indivíduos ocidentais e fazem parte do fenômeno de invenção do Oriente (Said, 1990).

Devido aos limites do presente artigo e à quantidade de material coletado é inviável uma exposição exaustiva de todas as 175 colunas, por isso nos concentramos, em um primeiro momento, no esboço geral das temáticas abordadas que serviram de base para a tabulação dos dados para, posteriormente, adentrar com análises específicas de colunas selecionadas a partir das próprias temáticas. Analisando os documentos percebemos uma preocupação inicial de Albuquerque em apresentar aos seus leitores aspectos gerais do Budismo (presentes em 139 colunas), sem focar no Zen Budismo ou na própria divulgação do seu templo. O uso de conceitos específicos dentro do Budismo tais como *nirvana*, *o Caminho Octúplo*, *As Quatro Nobres Verdades*, *o samsara*¹⁶, dentre outros, aparece em poucas colunas (aproximadamente 48) e estes foram acompanhados de explicações que envolvem principalmente referências a livros budistas (acadêmicos ou não). Além disso, duas características gerais presentes nas colunas chamam a atenção: a primeira são as referências a outras formas de saberes ou religiões que Albuquerque fez, isto é, ao longo dos anos o autor buscou explicar aspectos do Budismo com base no repertório religioso do seu

16 São conceitos centrais do Budismo e que possuem relação entre si, o *samsara* se refere ao ciclo de mortes e reencarnações em que todos os seres estão presos. O *nirvana* seria o despertar, quando o indivíduo alcança a Iluminação e quebra esse ciclo não passando mais pelo *samsara*. As Quatro Nobres Verdades são a base para o reconhecimento da impermanência no mundo do *samsara*, isto é: a existência do sofrimento; esse sofrimento tem uma origem; é possível cessar o sofrimento; é o Caminho budista conduz à cessação do sofrimento pelo Caminho Óctuplo: Compreensão correta, Pensamento correto, Fala correta, Ação correta, Meio de vida correto, Esforço correto, Consciência correta e Concentração correta. (Cohen, 2008).

público, que solicitava, muitas vezes diretamente, essas analogias; a segunda é a ênfase em descrever o Budismo como parte do mundo.

Em outras palavras, pela linguagem utilizada nos textos parece que era importante apresentar o Budismo como algo que transformava a vida das pessoas no “aqui e agora”, não se tratando apenas de uma filosofia contemplativa que preenche parte das necessidades humanas. Efetivamente, o Budismo foi representado por Albuquerque como algo que possibilitava a melhora na vida presente dos praticantes, no sentido de possibilitar uma percepção integral da realidade por meio da prática da meditação e, para ele, isso significaria superar as incertezas e angústias da vida (Albuquerque, 1978b). Podemos também apontar para a importante característica ao descrever um Budismo generalizado, sem adentrar em escolas específicas, pois em apenas 85 das colunas são feitas menções para o Zen Budismo ou para a meditação (*zazen*), sendo que a figura do Buda histórico (Sidarta Gautama) foi uma presença mais constante se comparada com a relativa ausência de Dōguen (fundador da Sōtōzenshū no Japão).

Do ponto de vista teórico, entendemos que essas formas de apresentação do Budismo no Notícias Populares podem ser consideradas como estratégias, que Michel de Certeau, define como

[...] o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um “ambiente”. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um *próprio* e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. A nacionalidade política, econômica ou científica foi construída segundo esse modelo estratégico (Certeau, 2014, p. 45)

Assim, a estratégia pode ser caracterizada como ações/ discursos de um lugar de poder para estabelecer pressupostos e articular forças no mundo visando ordenar e estabelecer maneiras de emprego correto. Essa manipulação se torna possível quando um poder postula um lugar próprio que visa gerir uma exterioridade. No nosso caso, entendemos que Albuquerque ocupa o lugar de poder no jornal e como monge ligado a instituição religiosa. A partir de tais lugares, Albuquerque exteriorizou interpretações do Budismo entendidas por ele como corretas. Dessa forma, por meio do conceito de estratégia podemos perceber como Albuquerque confrontava a

imagem que atribuía traços místicos ao Budismo e, ao mesmo tempo, buscava estabelecer um discurso normatizador explicando, a partir de sua posição, o que seria o Budismo. Esse processo é fundamental, pois em seu discurso o entendimento do Budismo enquanto uma religião que deveria ser praticada e supervisionada por monges nos templos foi constante.

Entretanto, é preciso ter em vista que essa estratégia de apresentação do Budismo é também particular, pois, o Budismo é uma religião plural dividida em tradições e escolas que em muitos casos possuem práticas e formulações doutrinárias diversas. Portanto, preferimos falar em “budismos”, sendo que Albuquerque foi praticante de uma vertente específica, o Sōtōzen. Todavia, como podemos perceber pela sua preferência em discutir questões gerais nas colunas, um dos aspectos estratégicos do autor foi representar o Budismo como uma religião universal, na qual as divisões internas ou a ênfase em alguma escola não deveria ser o ponto de destaque, tendo em vista a realização espiritual e a salvação dos seres.

Essa forma estratégica pode ser percebida, por exemplo, na coluna do dia 05 de janeiro de 1977:

Muitos pensam que ser budista é retirar-se do mundo e ficar espreitando a natureza. Isso é enganoso. O budista é antes de mais nada o que procura a Paz Espiritual em todos os instantes de sua vida diária. Para isso, tanto faz viver com a família, num mosteiro ou isolado num bosque. A atitude mais valorizada é permanecer em companhia da sociedade. Por que o que aprendemos ensinamos aos nossos semelhantes. E assim o tesouro da Paz Espiritual não fica guardado egoisticamente para uma só pessoa. Seus benefícios revertem para todos os seres – vivo e mortos – e também aumenta o mérito de quem assim procede. Sem dúvida é um caminho árduo, requerendo muita força de vontade. (Albuquerque, 1977a, p. 13).

Como se pode perceber, Albuquerque argumenta a possibilidade do budista praticar em diferentes espaços, mas ao mesmo tempo, ele não deixou de fazer certa divulgação das atividades de meditação que eram realizadas no seu templo, conforme podemos notar pelas 85 menções em que aparecem o templo Busshinji. Na coluna do dia 08 de março de 1978 outra

explicação é encontrada: nesse texto intitulado *A vida de Buda*, o monge fala sobre a tradução para o português do livro de mesmo nome escrito por Hammalawa Saddhatissa. Ao longo do texto, uma espécie de resenha foi feita, na qual se ressaltou a linguagem de fácil acesso que exigia o mínimo de especialização do leitor e acrescenta “Essa atitude demonstra aos monges budistas do Brasil que se preocupam em transmitir a Mensagem do Mestre, que ser perfeitamente dosado o uso de palavras estranhas aos leitores, que só entenderam melhor o Budismo, aproveitando-o para sua vida espiritual.” (Albuquerque, 1978a, p. 13). Dessa forma, podemos inferir que Albuquerque tinha consciência de que os leitores do *Notícias Populares* eram constituídos de um público específico, ao qual a linguagem budista deveria ser adequada.

As próprias menções do Budismo como parte do mundo (104 ocorrências) e das referências a outras religiões (60 vezes) não seriam tentativas de se aproximar desse público? Inclusive é sintomática a divulgação de um “Catecismo budista” no final das colunas durante alguns meses de 1977, sendo que os preceitos do que seria esse catecismo constituíram tema específico de três colunas daquele ano. Ao utilizar essa expressão comum para se referir ao aprendizado dos preceitos da fé católica, Albuquerque buscava criar pontes com seus leitores oferecendo, por exemplo, no dia 17 de agosto, 21 perguntas e respostas explicando quem foi o Buda e quais foram os seus ensinamentos,

1 – Pergunta – Qual é a sua religião?

Resposta – Budismo.

2 – P – Quem é budista?

R – Um budista é aquele que segue a Doutrina ensinada pelo Senhor Buda.

3 – P – Quem é o Senhor Buda?

R – Ele é o Santo que procurou o Nirvana em muitas vidas e na sua última vida o alcançou devido a Seus Esforços, Sua Compaixão e Sua Sabedoria. [...] (Albuquerque, 1997f, p. 13)

Seguindo esse mesmo modelo, no dia 24 de agosto outras 21 perguntas e respostas foram publicadas, mas com foco maior em aspectos da doutrina: as três joias budistas, os cinco preceitos, as

quatro nobres verdades (Albuquerque, 1997g). Esse material enxuto oferecia aos leitores noções iniciais do Budismo como um todo, mas também conceitos mais complexos como nas 18 perguntas do dia 31 de agosto,

45 – P – O que acontece se não enfrentamos o sofrimento?

R – Nasceremos outras vezes e sempre cheios de sofrimento.

46 – P – O que acontece se destruimos tal destino?

R – Obtemos o Nirvana.

47 – P – O que é o Nirvana?

R – Um estado de felicidade cheio de paz, que somos incapazes de explicar por palavras, mas de indicar pelo comportamento.

48 – P – De que jeito pela destruição do desejo pode-se obter o Nirvana?

R – Pode-se alcançar o Nirvana seguindo-se a Senda Octupla, ou seja, observando os preceitos da Senda Octupla dos Santos e que destroi o sofrimento. (Albuquerque, 1977h, p. 13)

Essas explicações sobre os ensinamentos enfocando a Iluminação e o Caminho Ótuplo completaram as três partes do “Catecismo budista” publicado no *Notícias Populares*.

Para os propósitos do presente artigo, vale destacar também as colunas de 07 e 14 de março de 1979 (Albuquerque, 1979b; 1979c), nas quais foram criticadas as buscas pelo “misticismo”. Para Albuquerque, muitas vezes os indivíduos viam no Oriente (e nas religiões que dali vieram) certo exotismo, sendo que partes selecionadas de tais religiões foram interpretadas pelos ocidentais como forma de afirmação de valores que são caros ao próprio Ocidente. O autor critica essa postura, visando a normatização das práticas, pois ao invés de experimentar o papel modificador que essas religiões oferecem, as pessoas estariam “alienando” a religião para seus interesses. Ora, aqui a figura de Albuquerque como monge aparece de forma evidente, pois visava criticar como diversos indivíduos se interessam pelo Budismo em busca do “oriente exótico”.

Tal crítica se torna ainda mais perceptível na coluna de 11 de maio de 1977 que é dedicada a responder diversas cartas dos leitores. Entre as várias respostas, a seguinte está presente

[...]

F.F.F. - Alto Paraná – Pode-se meditar no Senhor Buda e especialmente solicitar a sua Grande Compaixão. Ninguém pode melhorar seus poderes. Isso só depende de sua vida. Como você pensa e age. “Não praticar o mal, procurar praticar o bem, purificar a mente, este é o ensinamento dos Budistas”. Esta é uma antiga frase oriental. Medite sobre ela.

[...] (Albuquerque, 1977c, p. 13)

Há uma tentativa de conduzir a entendimento dos leitores para algo que realmente importa para Albuquerque: a prática meditativa que proporciona o bem. Ao negar a possibilidade de melhora dos poderes via Budismo, podemos perceber o esforço em delinear certas interpretações do Budismo em proveito de outras.

Para finalidade dessa análise, vamos nos deter agora na relação de epístola e resposta em relação à carta acima referida. Vale a pena ler a referida carta para entendermos como as estratégias de divulgação do Budismo criadas pelo autor tiveram adequações e negociações a partir das recepções e reinterpretções dos leitores, fenômeno chamado de táticas¹⁷ por Michel de Certeau (2014). A carta enviada por F.F.F do Alto Paraná é do dia 26 de janeiro de 1977, grande parte do conteúdo é o seguinte

[...]

Li em Notícias Populares, sobre Budismo. Não conheço o Budismo. Mas, de acordo com o que li, é uma Filosofia Espiritual e Cristã, baseado na lei da reencarnação, e meditação (concentrar o pensamento).

Desejo alguns esclarecimento: Pode-se invocar o espírito de “Buda” (meditando nele) para fins de curar doentes desenganados?

Ou pedir-lhe algum favor: (sem prejudicar ninguém é claro?) Ou pedir algum milagre?

Eu sou Evangelico Lutereno (sic) mas li, e estudei varias Filosofias como: Espiritismo, Umbanda, Rosacruz e outras. Com o fim de

17 Relacionando com a estratégia, o autor argumenta que “Denomino, ao contrário, ‘tática’ um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias.” (Certeau, 2014, p. 45-46)

ajudar os sofredores. Concentrando-me em orações, já foram muitos doentes curados (Magnetismo) ou Benção Divina. Desejava melhorar meus poderes. Por este motivo apelo ao Senhor. Com um Abraço fraternal, assino Respeitosamente.
[...] (F.F.F, 1977).

Escrita à mão, o autor faz diversas referências às religiões presentes no Brasil com as quais manteve algum grau de contato. Mesmo não conhecendo o Budismo, seu interesse esteve possivelmente votado a melhorar seus poderes para ajudar as outras pessoas. Podemos inferir que os pedidos de esclarecimentos foram realizados, pois o leitor viu na figura de Albuquerque alguém conhecedor de princípios a serem revelados para melhor ajudar outras pessoas, ou seja, o oriente possuiria segredos que Albuquerque tinha desvendado. Nesse sentido, Albuquerque desempenhava, para certos leitores, uma função de guia espiritual.

Além disso, a leitura dessa carta nos fornece outro importante elemento para se pensar as colunas: os textos de Albuquerque foram o primeiro contato que muitos indivíduos tiveram com o Budismo. Como argumentado, os intelectuais brasileiros tiveram seus primeiros contatos com o Budismo por intermédio de livros em inglês, mas aqui aparece outra faceta não explorada da presença do Budismo no Brasil: um jornal cuja circulação foi destinada aos indivíduos de classes baixas apresentou os primeiros contatos com o Budismo para pessoas que não faziam parte das classes médias e intelectuais. Tal condição é algo pouco observado pela historiografia sobre o Budismo no Brasil, pois nos trabalhos que versaram acerca do tema não é privilegiada a recepção e quando esta é trabalhada, são destacadas as posições intelectualizadas (Luiz; André, 2021). Entretanto, as cartas dos leitores apresentam posições de um público mais abrangente, com necessidades, interesses e lugares sociais diversos.

Esses elementos apresentados pelas cartas também foram importantes para a negociação das estratégias criadas por Eduardo. Baseamos essas afirmações não apenas na referida carta, mas também nas outras 22 oportunidades em que Eduardo usou a coluna

para responder seus leitores¹⁸, além disso, outras colunas como a própria sobre o “misticismo” foram oportunidades de respostas gerais aos anseios presentes nas indagações dos leitores.

Considerações Finais

Ao longo do artigo buscamos demonstrar de que forma Eduardo Basto de Albuquerque construiu estratégias para a normatização do Budismo no *Notícias Populares*. As formas de escrita, o contexto e as temáticas abordadas nas colunas foram maneiras de divulgar a religião, por meio das quais Albuquerque definiu também os limites das práticas do ponto de vista de um monge/adepto, que visou determinar quais eram os ensinamentos legitimamente budistas. Para isso, o autor optou por destacar os aspectos gerais e dogmáticos da religião como um todo, sem adentrar nas polêmicas das várias escolas budistas. Entretanto, ao fazer isso, Albuquerque não deixou de divulgar o templo o Busshinji.

A ênfase em apresentar o Budismo como uma possibilidade ao alcance de todos, cujos benefícios estariam acessíveis na presente vida, também foram estratégias que remetem ao entendimento de que os leitores do *Notícias Populares* eram um público específico, composto por indivíduos de baixo poder aquisitivo. Os indícios sugerem que, ao reconhecer seu leitor, Albuquerque buscou estabelecer pontes para a elucidação das práticas budistas, seja fazendo referências a outros tipos de religiões ou mesmo respondendo diretamente as questões dos leitores. Essa normatização é a evidência mais significativa do artigo, na medida em que permite problematizar as considerações sobre o Budismo presentes na historiografia brasileira, isto é, indica que para além dos grupos de intelectuais e de classe média, o Budismo também foi alvo de interesse por outros setores, como os leitores do *Notícias Populares*.

18 Fora isso, a crítica externa na materialidade das cartas podem indicar mais respostas, pois muitos dos envelopes dessas cartas destinadas a Albuquerque estão marcadas com traços como “já”; “respondida”; “sim”; “já pelo jornal”; “já respondido”, entre outras marcações, que podem ser indícios de que, além das respostas pelo jornal, Eduardo também respondia por vias privadas aos seus leitores.

Referências

- ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. Budismo e trabalho. *Notícias Populares*, São Paulo, 05 de jan. de 1977a, p. 13.
- ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. Budismo e morte. *Notícias Populares*, São Paulo, 19 de jan. 1977b. p. 13.
- ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. *Notícias Populares*, São Paulo, 11 de maio. 1977c. p. 13.
- ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. Princípios básicos (II). *Notícias Populares*, São Paulo, 27 de jul. 1977d. p. 13.
- ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. Princípios básicos (I). *Notícias Populares*, São Paulo, 03 de ago. 1977e. p. 13
- ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. Catecismo budista (I). *Notícias Populares*, São Paulo, 17 de ago. 1977f. p. 13.
- ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. Catecismo budista (II). *Notícias Populares*, São Paulo, 24 de ago. 1977g. p. 13.
- ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. Catecismo budista (III). *Notícias Populares*, São Paulo, 31 de ago. 1977h. p. 13.
- ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. A vida de Buda. *Notícias Populares*, São Paulo, 08 de mar. 1978a. p. 13.
- ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. Que se vai fazer? *Notícias Populares*, São Paulo, 20 de set. 1978b. p. 13.
- ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. A vida de Buda no Ocidente. *Notícias Populares*, São Paulo, 03 de jan. 1979a. p. 13.
- ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. Misticismo? *Notícias Populares*, São Paulo, 07 de mar. 1979b. p. 13.
- ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. Ainda o misticismo. *Notícias Populares*, São Paulo, 14 de mar. 1979c. p. 13.
- ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. Apascentando o boi - V. *Notícias Populares*, São Paulo, 16 de maio. 1979d. p. 13.
- ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. Apascentando o boi - I. *Notícias Populares*, São Paulo, 23 de maio. 1979e. p. 13.
- ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. Culto Japonês da Tranquilidade. *Notícias Populares*, São Paulo, 02 de jan. 1980a. p. 13.
- ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. Regime alimentar e Zen. *Notícias Populares*, São Paulo, 16 de jan. 1980b. p. 11.
- ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. Patrimônio do Budismo. *Notícias Populares*, São Paulo, 20 de fev. 1980c. p. 15.
- ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. No Caminho. *Notícias Populares*, São Paulo, 25 de jun. 1980d. p. 11.

ALBUQUERQUE, Leila Marrach Basto de. [Entrevista concedida a] Leonardo Henrique Luiz, 2022. Acervo Pessoal.

F.F.F. [Correspondência]. Destinatário: Eduardo Basto de Albuquerque. 26 de jan. 1977.

Bibliografia

ANGRIMANI, Danilo. *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo: Summus, 1995.

ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. *O Irmão e o Mestre: Contribuição ao estudo da pobreza cristã e budista no século XIII: O Irmão Francisco de Assis e o Mestre Zen Budista Dōguen*. 1983. 569f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de São Paulo.

ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. Um mestre zen na terra da garoa. In: USARSKI, Frank (org.) *O Budismo no Brasil*. São Paulo: Lorosae, 2002.

ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. Intellectuals and Japanese Buddhism in Brazil. *Japanese Journal of Religious Studies*, v. 35, p. 61-79, 2008.

BAUMANN, Martin. Global Buddhism: Developmental Periods, Regional Histories, and a New Analytical Perspective. *Journal of Global Buddhism*, v. 2, p. 1-43, 2001.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A imprensa na história do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1995.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2014.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade, 2002.

COHEN, Nissim. (Org.). *Ensinaamentos do Buda: uma antologia do Cânone Páli*. São Paulo: Devir, 2008.

COHN, Aélia; HIRANO, Sedi. Notícias Populares. In: ABREU, Alzira Alves de, et al (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/noticias-populares>>. Acesso em: 14 de maio. 2020.

ELMIR, Cláudio Pereira. Uma aventura com o Última Hora: O jornal e a pesquisa histórica. *Anos 90*, n. 36, v. 19, p. 67-90, 2012.

GONÇALVES, Ricardo Mário. (Org.). *Textos budistas e zen-budistas*. São Paulo: Cultrix, 2003.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 111-153.

LUIZ, Leonardo Henrique. *O Espírito de Yamato: o xintoísmo de Estado e o Kyoiku Chokugo na formação do nacionalismo japonês e a imigração para o Brasil (1890-1980)*. 2019. 147f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Londrina, Paraná.

As estratégias de divulgação do Zen Budismo no Brasil: um olhar sobre as colunas de Eduardo Basto de Albuquerque no jornal Notícias Populares (1976-1980)

LUIZ, Leonardo Henrique; ANDRÉ, Richard Gonçalves. O Budismo e as Ciências Humanas: Considerações sobre a produção acadêmica no Brasil. In: SERAFIM, Vanda Fortuna; LULA, Daniel Costa. *Diversidade Religiosa & História*. Curitiba: Brazil Publishing, 2021. p. 337-359.

ROCHA, Cristina. The Appropriation of Zen Buddhism in Brazil. *Japan Review*, v. 4, p. 33-53, 2000.

ROCHA, Cristina. Zazen or Not Zazen? The Predicament of Sotoshu's *Kaikyoshi* in Brazil. *Japanese Journal of Religious Studies*, v. 31, p. 163-184, 2004.

ROCHA, Cristina. All Roads Come from Zen: Busshinji as a Reference to Buddhism. *Japanese Journal of Religious Studies*, v. 35, p. 81-94, 2008.

ROCHA, Cristina. A globalização do Budismo. *Estudos de Religião*, v. 28, n.2, p. 59-73, 2014.

SAID, Edward Wadie. *Orientalismo: o Oriente como Invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SUZUKI, Daisetsu Teitaro. *Introdução ao Zen-Budismo*. São Paulo: Pensamento, 2005.

USARSKI, Frank. O Budismo de imigrantes japoneses no âmbito do Budismo brasileiro. *Horizonte*, v. 14, n. 43, p. 717-739, 2016.